

A full moon in a dark sky with a winged demon figure in the foreground. The demon has dark skin, long dark hair, and large, dark, feathered wings. Its eyes are glowing orange. It wears a dark, ornate, and revealing outfit with intricate patterns and small glowing orange lights. The background is a dark, misty landscape with a city skyline visible at the bottom.

A Goetia dos Demônios Antigos

Os segredos dos Shedim

Jorge Puente
2023



Copyright © 2023 Jorge Puente

Todos os direitos reservados.

Isenção de responsabilidade:

O conteúdo deste livro é baseado em experiências e conjecturas pessoais e deve ser considerado especulação e não como aconselhamento profissional, médico ou pessoal. Os conceitos e práticas aqui apresentados devem ser usados por sua conta e risco, o autor não é responsável pelas experiências que você obtém ao trabalhar com os métodos apresentados. Fica aqui declarado de forma clara e completa que o autor não sugere nem tolera que você aja de forma que possa causar danos. Este conteúdo é fornecido com o entendimento de que os materiais sejam usados de acordo com as leis de qualquer país em que esteja presente.



Sumário

Hino ao Senhor da Terra	9
-------------------------------	---

Introdução

Meu Caminho na Goetia	11
Mais um livro sobre Goetia?	15
Mas afinal de contas, o que é “Goetia”?	19
Existem “variantes” do Sistema de Magia Goética?	21
Vamos voltar às origens?	23
Mas, no final das contas, o que seria um demônio?	23
O Mundo espiritual na Antiguidade	25
Shedim, os “Demônios” antigos	29
A Goetia dos Demônios Antigos	33
Um tesouro de informações ocultas	35
As “Legiões de espíritos”	39
Os Senhores dos Shedim	41
Enki	45
Chafniel	47
Sandalphon	49



Trabalhando com os Demônios Antigos.....	51
Pathworking	51
Pathworking Meditativo.....	52
Proteção	53
 O Exercício de Coerência.....	 55
Como vamos trabalhar?	57

Os 72 Demônios Antigos

01 – Baal	63
02 – Agares.....	67
03 – Vassago	71
04 – Samigina.....	75
05 – Marbas	79
06 – Valefar.....	83
07 – Amon.....	87
08 – Barbatos	89
09 – Paimon.....	91
10 – Buer	95
11 – Gusion	97
12 – Sitri.....	99
13 – Beleth.....	101
14 – Leraje	105
15 – Eligos	109
16 – Zepar	113
17 – Botis.....	115
18 – Bathin.....	119
19 – Sallos	123



20 – Purson	127
21 – Marax	131
22 – Ipos	135
23 – Aim (Haborym)	139
24 – Naberius	143
25 – Glasya – Labolas.....	145
26 – Bune.....	149
27 – Ronove.....	153
28 – Berith	157
29 – Astaroth	161
30 – Forneus.....	165
31 – Foras	169
32 – Asmoday.....	173
33 – Gaap.....	177
34 – Furfur	181
35 – Marchosias	183
36 – Stolas	185
37 – Phenex.....	187
38 – Halphas.....	189
39 – Malphas	191
40 – Raum.....	195
41 – Focalor.....	199
42 – Vepar.....	203
43 – Sabnock.....	207
44 – Shax	211
45 – Vine	215
46 – Bifrons	217
47 – Vual	221



48 – Haagenti.....	223
49 – Crocell.....	225
50 – Furcas.....	227
51 – Balam.....	229
52 – Alloces.....	233
53 – Camio.....	235
54 – Murmur.....	239
55 – Orobas.....	241
56 – Gremory.....	245
57 – Ose.....	249
58 – Amy.....	251
59 – Orias.....	253
60 – Vapula.....	255
61 – Zagan.....	257
62 – Valac.....	261
63 – Andras.....	263
64 – Haures.....	267
65 – Andrealphus.....	269
66 – Cimeies.....	273
67 – Amdusias.....	275
68 – Belial.....	279
69 – Decarabia.....	283
70 – Seere.....	287
71 – Dantalion.....	291
72 – Andromalius.....	295
 Para ir além...	 299



Apêndice I

Classes de seres que conformam os 72 Demônios Goéticos ..	301
Os Deuses antigos - Respondem a Enki	301
Os Anjos caídos – Respondem a Sandalphon.....	301
Os Shedim – Respondem a Chafniel	302

Apêndice II

Especialidades dos Demônios Goéticos.....	305
--	------------





Hino ao Senhor da Terra

Enki, o grande Senhor, que entre os deuses toma as decisões inteligentes! O mais proeminente entre eles, desde o sul até as terras altas.

Quem, segurando um cajado em sua mão, determina seus destinos quando os deuses Anunna vêm até ele.

Quem possui todos os poderes divinos, é o único que os supera.

Um grande senhor, que governa os seres vivos; que sozinho é proclamado como seu deus. Você é o Senhor deles!

Você, cujas declarações fazem a justiça florescer, fortalece os poderes divinos do céu e da terra.

Você, que examina as leis e as executa corretamente, é proclamado seu grande príncipe!

Guie-me, Senhor da Terra, através dos infinitos Caminhos da Magia!







INTRODUÇÃO

Meu Caminho na Goetia

oetia sempre me fascinou. Claro, podemos nos apaixonar por coisas bonitas ou por coisas terríveis, e para mim Goetia pertencia ao segundo grupo. Uma paixão “proibida”. Não lembro bem quando foi a primeira vez que entrei em contato com o sistema, se foi através de algum arquivo da Internet ou de uma apostila traduzida por alguma das tantas ordens de Magia. Naquele momento não existiam edições em português, então tudo o que tínhamos era material compaginado por magos e magas que usavam o sistema. As apostilas mais completas continham as imagens feitas pelos artistas medievais. Algumas eram realmente impressionantes!!! E com tudo isso era fácil acreditar que Goetia era um sistema de magia negra. No final das contas, ela descrevia, tanto em forma de texto quanto em forma de ilustrações, as habilidades e aparências de nada menos que 72 demônios!

E que demônios! As ilustrações os mostravam assustadores, macabros, malignos... ou simplesmente bizarros.

Naquele momento, cheio de preconceitos, decidi que Goetia não era o sistema de Magia que eu usaria. Então estudei um pouco mais o material que tinha e depois o arqueei.

Nos anos seguintes me dediquei Magia Enochiana, ao sistema da Golden Dawn, Abramelin, Thelema e outras vertentes mais. Estudei a obra de magos modernos e, uma das coisas que me chamara a atenção foi o fato de muitos deles terem um profundo respeito pela Goetia, um sistema que eu continuava a considerar do “lado negro”. Nesse meio tempo entrei em contato com o livro de Michael Ford, “Goetia Luciferiana”. A abordagem era interessante, mas para mim, naquele momento, puxava Goetia ainda mais para o lado “do mal”, e só aprofundou a minha decisão de continuar a manter distância do sistema de Magia Goética.



Porém no momento em que me deparei com Lon Milo DuQuette e seu maravilhoso livro “A Goetia Ilustrada de Aleister Crowley” (Editora Madras), comecei a me desvencilhar dos meus preconceitos sobre o sistema de Magia Goética. Lendo a obra de DuQuette, descobri que ele também tinha muita desconfiança e rejeição com esse tipo de magia, no começo, em grande parte providas da mestra dele. O bom do livro era que, antes de descrever o sistema, DuQuette contava como tinham sido os primeiros passos dele como mago goético e como tinha passado da rejeição mais absoluta a uma aceitação razoada. Esse relato, vindo de alguém que hoje é considerado um dos maiores magos goéticos de todos os tempos, ajudou a limpar a minha mente das nuvens tóxicas das ideias preconcebidas.

Comecei a estudar o sistema Goético, no começo com certa desconfiança. À medida que o tempo passava, eu ia descobrindo um sistema de magia dos mais completos e eficientes. Mas as diferentes versões dele que tinha à disposição não terminaram de me convencer. A que mais gostava era a de DuQuette, e mesmo assim a achava complicada de aplicar.

Mais ou menos por essa época comecei trabalhar com o sistema de magia de Donald Tyson e, claro, me familiarizei com a Magia Telesmática. Foi assim que aprendi a usar as imagens dos seres espirituais para entrar em contato com eles.

O seguinte passo foi aprender a trabalhar com os Servidores, algo que era muito comum na Alta Magia Antiga, mas que depois foi abandonado. Na atualidade esta forma de trabalho é típica da Magia do Caos.

Comecei a trabalhar com os Daemons (não os chamava mais de “demônios”) através do conceito de “servidor”. Para mim, eram Servidores altamente sofisticados, mas só isso. Tirei toda a aura demoníaca que costuma rodear o Sistema Goético e as coisas ficaram mais simples. Os Daemons começaram a responder com mais facilidade. Já com o método do Pathworking consegui dominar muito bem o sistema de Magia Goética.



Foi assim que, já em 2019, vários alunos e alunas do Curso de Magia da Transformação, e também seguidores do canal, me pediram para fazer um curso de Magia Goética. Para esse momento meu conhecimento do Sistema Goético e, principalmente, dos Daemons, era muito bom. Aceitei, e assim surgiu o nosso Curso de Magia Goética. Nele usamos tanto o método Tradicional quanto o Telesmático (Goetia através das imagens dos Daemons). Posteriormente adicionei o método do Pathworking, o que facilitou muito o trabalho com os Daemons.

Ao mesmo tempo, meus estudos se canalizaram para a parte de textos antigos. Comecei a ver a história antiga sob outro prisma, com a ajuda de autores incríveis como Mauro Biglino, ou Paul Wallis. Textos como o Antigo Testamento revelavam conhecimentos incríveis. Assim, por exemplo, consegui entender a verdadeira natureza dos Anjos, e disso surgiram um livro e vários cursos online, além de um monte de material de estudo que coloquei em forma de vídeos no canal.

E a partir daí a pergunta, claro, era muito simples. Se eu consegui achar o material sobre a natureza dos Anjos... poderia fazer o mesmo com os Daemons? Será que conseguia achar a origem destes seres que vêm nos fascinando há centenas de anos?

A resposta é: Sim. Consegui. Por isso você está com este livro nas mãos.





Mais um livro sobre Goetia?

Muitos alunos e seguidores do canal já me pediram para escrever um livro sobre Magia Goética. Sempre respondi que já existem muitos livros e métodos diferentes disponíveis para quem se interessa por esse assunto. Então, se eu fosse escrever um livro, queria que ele fosse algo realmente diferente. E como muitos de vocês já sabem, para mim "diferente" significa algo que remete ao mundo antigo, muito antigo. Decidi aproveitar meus estudos sobre textos antigos para sair das abordagens atuais, baseadas em conceitos modernos ou relativamente clássicos e ir para algo muito mais profundo.

Consideremos isto: Goetia é um sistema que funciona com admirável eficiência. E geralmente sistemas assim têm as suas raízes em conhecimentos puros, perdidos ou ocultos há muito, muito tempo.

Durante anos eu me mantive na ideia de que os Daemons de Goetia eram meramente servidores. Fiz isso para conter o entusiasmo de muitos dos meus alunos e alunas, que queriam partir para o "culto" dos Daemons goéticos. Mas como podemos "cultuar" ou simplesmente ter uma comunicação mais aprofundada com os Daemons, se não sabemos o que são realmente? Nesses casos, a chance de abrir um canal de comunicação com uma criatura que nos engane e manipule é muito grande. E não adianta partir da base que eles são "demônios", no sentido cristão. Os seres que nós consideramos "demoníacos" têm comportamentos que em nada condizem com os Daemons goéticos, os quais, diferente das ilustrações bizarras produzidas na Idade Média, são seres altamente sofisticados e poderosos. Muitos deles são definidos como "anjos caídos", e todos comandam dezenas de legiões de espíritos. Sem contar com que muitos se dedicam ao ensino, enquanto outros protegem ou procuram o amor para a pessoa que os chama, comportamentos bem distantes de um "demônio" como nós o concebemos.



Sendo assim, decidi mergulhar em uma jornada às origens da Magia Goética, para entender como e onde essa prática surgiu e como ela se transformou no que conhecemos hoje. Para fazer isso, fui direto a textos antigos, alguns clássicos e outros pouco conhecidos, onde comecei a reconhecer as raízes do que hoje conhecemos como magia Goética. Assim, navegando pelo Antigo Testamento, passando pelo Zohar e outros textos cabalísticos, até dicionários demoníacos medievais e trabalho de autores modernos que não pertencem à área de Magia, consegui entender de onde tinha surgido o conhecimento sobre estas criaturas incríveis, que tanto nos fascinam. Entendi também que esse fascínio não vem de agora: Ele é milenar, ou seja, existe há milhares de anos, mas ficou bloqueado e esquecido pela extensa perseguição realizada pela Igreja na Idade Média. Ao entender isso, os Daemons surgiram na minha frente em todo seu poder, tal como milhares de anos atrás.

Mas por que outros autores e magos não chegaram a esta conclusão antes? A resposta é que alguns deles já falavam disso, mas estava faltando o “caminho das pedras” que nos levasse à origem de forma clara. E esse conhecimento só ficou disponível na última década, através do trabalho de autores como Mauro Biglino, Cinzia Mele, Paul Wallis, Stefania Tosi ou Gian Matteo Corrias, entre outros. Assim, agora podemos ler os antigos textos sagrados com as chaves de leitura dos autores modernos, e achar o ouro que sempre esteve aí, à nossa frente, mas cuidadosamente oculto sob uma falsa realidade.

Outra explicação de porque ninguém achou antes estas origens é que, desde que o sistema de Magia Goética surgiu, por volta do Século XVI, as pessoas estavam mais preocupadas usando-o do que tentando saber de onde provinha. No final das contas, Magia Goética mexia com “demônios” e esses seres simplesmente “sempre estiveram aí”. Não era preciso aprofundar mais. Mas agora, nesta era de informação e comunicação, saber com quem estamos tratando é algo de vital importância.

Conhecer as origens é muito importante, e ao mesmo tempo é necessário oferecer algo prático e aplicável aos leitores. Por isso, o livro vem não só com uma parte teórica ampliada, mas também com exercícios e



práticas que permitam aos praticantes contemporâneos explorar e aplicar esses princípios em suas próprias vidas e práticas mágicas.

Antes de ir para a nova abordagem, vamos fazer uma breve revisão do que é a Goetia na atualidade.





Mas afinal de contas, o que é “Goetia”?



Goetia é um dos sistemas de magia mais antigos e mais utilizados pelos magos ao longo de centenas de anos. Talvez por isso também é um dos que mais curiosidade desperta.

O Sistema de Magia Goético se baseia no contato com 72 seres que, tal como dissemos antes, originalmente eram chamados de “demônios”, mas que atualmente alguns também chamam de “daemons” ou simplesmente de “servidores”. Este sistema de magia é apresentado no livro *Ars Goetia*, o primeiro de cinco volumes que compõem um antigo grimório mágico do Século XVII, conhecido como *Lemegeton*. É importante ressaltar que grande parte dos demônios do *Ars Goetia* já tinham sido mencionados antes no *Pseudomonarchia Daemonum* de Johann Weyer, de 1563, o que nos faz pensar que talvez existisse um manuscrito fonte original que serviu de referência para os dois textos. Também no século XVII surgiu uma versão do *Ars Goetia*, feita pelo Dr. Rudd, que usava, além dos tradicionais selos, os nomes dos 72 Anjos Cabalísticos, para controlar os 72 Demônios goéticos. Essa versão do Dr. Rudd é a que usamos como base no nosso curso.

Em relação à origem do manuscrito atual, temos que mencionar que o *Ars Goetia* que usamos hoje não provém de uma única fonte em latim, mas foi compilado por MacGregor Mathers, fundador da Ordem da Aurora Dourada, no final do século XIX, a partir de diferentes manuscritos encontrados em várias bibliotecas e coleções privadas. Posteriormente, Aleister Crowley editou esse trabalho, e a partir daí, tivemos a primeira versão do sistema de magia goética disponível para o público em geral. Atualmente existe uma versão mais completa e acurada do *Lemegeton*, elaborada por Joseph Peterson, que é bastante utilizada por praticantes de magia em todo o mundo.

O sistema de magia goética não ficou estagnado e, hoje, os magos e magas usam diferentes variantes dele, todas com sucesso.





Existem “variantes” do Sistema de Magia Goética?

Sim, atualmente existem diferentes tipos de abordagens para o sistema de Magia Goética, sendo as principais:

Goetia Tradicional

Este sistema mágico goético é utilizado seguindo os procedimentos descritos no Ars Goetia de forma rigorosa. É uma das formas mais duras, pela complexidade das chamadas e as exigências no que se refere a vestuário e objetos mágicos usados durante o ritual. Mesmo assim, na mão de magos experimentados, se revela uma forma de uma elegância e uma beleza incríveis.

Goetia Luciferiana

Uma abordagem do sistema goético feita pelo mago Michel W. Ford, que utiliza a imagem e energia de Lúcifer para ativar o dito sistema mágico. É uma das formas mais procuradas de Goetia.

A Goetia de Lon Milo DuQuette

Lon Milo DuQuette, um mago thelemita, autor de muitos livros de magia, criou a versão dele do sistema goético. Simplificando os rituais e colocando mais informações sobre os Daemons, seu sistema é um dos melhores e mais fáceis de operar.

A Goetia dos Selos Negros de Carl Nagel

Outro autor prolífico, que criou também seu próprio sistema de magia goética, ainda mais simplificado que o sistema de DuQuette. Vale a pena conferir seu livro.



A Goetia Qlipphotica de Thomas Karlsson

O ocultista sueco Thomas Karlsson teve a ideia de basear o poder do sistema goético não em Lúcifer, mas na energia da Árvore Negra, ou Árvore da Morte, e nas energias das Qlipphots que governam dita Árvore.

A Goetia usando Pathworking (vários autores)

Diferentes autores, como Corwin Hargrove ou Karl Spartacus, tiveram a ideia de aplicar a técnica de Pathworking ao sistema de magia Goética, com grande sucesso. A partir daí se popularizou a abordagem da Goetia usando essa técnica tão prática quanto efetiva.

A técnica de Pathworking é uma das formas de trabalho que usamos no nosso Curso de Magia Goética, e será a abordagem que usaremos neste livro, só que de um jeito mais refinado e amplo do que a forma utilizada até agora.



Vamos voltar às origens?

Depois dessa breve explicação sobre o Sistema Goético e de algumas das suas variantes atuais, vamos voltar ao tema das origens dos Daemons (ou Demônios) Goéticos. Essa origem distante e misteriosa foi o que me motivou a pesquisar mais sobre o tema, e o que achei me motivou a escrever este livro. Então, vamos lá:

A primeira coisa que temos que tratar aqui é a palavra “demônio”. Isso porque, precisamente por usar o termo “demônio” para designar os seres com os quais o mago trabalha, fez com que Goetia fosse considerada durante muito tempo como sendo magia negra, causando temor e rejeição.

Mas, no final das contas, o que seria um demônio?

Todos os que crescemos numa sociedade cristã temos uma ideia já formada sobre o significado dessa palavra. Para nós, na cultura popular ocidental, a palavra “demônio” é frequentemente associada a entidades malignas, geralmente representadas como criaturas de aspecto horrível e “infernais”. Segundo esta visão, os demônios são seres que estão sempre tentando destruir a obra de Deus. Sob esta ótica, eles são incapazes de qualquer sentimento ou ação positiva, e só existem para fazer o mal. O termo “demônio” é usado também para se referir aos anjos caídos que se rebelaram contra Deus, liderados por Lúcifer.

No entanto, a realidade é um pouco mais complexa e variada.

Estudando a etimologia da palavra, vemos que “demônio” deriva do termo grego “daimon”, que significa “espírito”, “mensageiro” ou “deus menor”. Na antiguidade, o conceito de demônio era mais amplo e incluía tanto entidades benévolas quanto malévolas.



Assim, é importante notar que a definição precisa de "demônio" varia significativamente de acordo com a cultura e o contexto em que é usada. Em algumas tradições religiosas, como a demonologia islâmica ou hindu, os demônios são diferentes dos retratados na tradição cristã, por exemplo. Em outras, como no xamanismo, os "demônios" podem ser considerados espíritos guardiões ou protetores de determinadas áreas ou pessoas.

Portanto, embora o termo "demônio" seja frequentemente associado a entidades malignas, sua definição exata depende do contexto cultural e religioso em que é usada.

Agora bem, o cristianismo, por ser uma religião monoteísta, nunca aceitou a existência de outros deuses ou semideuses. Para o cristianismo, só existe um Deus, e seus fiéis seguidores: os anjos. Seguindo esta linha de raciocínio, qualquer outra entidade que não pertença a esse grupo deve ser necessariamente oposta a Deus, caso contrário, estaria entre os anjos. Assim, todo e qualquer ser, divino ou semidivino, foi "demonizado". Isso fez com que, ao longo dos séculos, perdêssemos contato com entidades muito interessantes e que podiam ser de grande ajuda em momentos de necessidade.

Mas o cristianismo deriva muitas das suas crenças do judaísmo. Então, como eram vistos os "demônios" pelos antigos hebreus? Existia alguma interação com eles? Eram tolerados? Temidos? Adorados? As respostas a essas perguntas formam a base deste livro, e é sobre elas que vamos falar nos próximos capítulos.



Ⓞ Mundo espiritual na Antiguidade

Se você já conhece meu trabalho, o próximo capítulo vai ser fácil de entender. Mas se você não estiver familiarizado(a) com ele, vai precisar uma breve explicação de como funcionam as coisas no mundo espiritual, segundo os textos antigos. E quando digo “antigos” estou me referindo a textos de 3.000 ou 4.000 (ou mais) anos de antiguidade.

Como quase todos nós crescemos imersos numa sociedade monoteísta, resulta difícil entender como funciona uma sociedade diferente, onde tem muitas deidades. Costumamos considerar essas sociedades “atrasadas” ou “idólatras”, e as descartamos.

Outro ponto é que, devido a séculos de condicionamento, quase todos nós pensamos em “Deus” e os “anjos” como sendo entidades “espirituais”, energéticas, pura luz sem um corpo físico, sem emoções (a não ser o amor), sem atributos marcados. Por isso os deuses antigos, bem antropomórficos, cheios de poder, mas também de paixões e falhas, nos resultam esquisitos, e tendemos a rejeitá-los. Na nossa cabeça cristã, é impossível que um “deus” erre, ou seja ruim.

Mas quando lemos o Antigo Testamento (a Torah) de forma literal, e não como se fosse uma coleção de relatos míticos, e deixando de lado a doutrinação monoteísta, descobrimos uma realidade bem diferente. O texto está cheio de seres divinos de diversos tipos, muito poderosos, mas não necessariamente “espirituais”, no sentido que nós damos ao termo na atualidade. Uma análise aprofundada deste tema escapa ao escopo deste livro, mas para quem tiver interesse recomendo a obra de Mauro Biglino, antigo tradutor do Vaticano, ou a do Rev. Paul Wallis. Aqui vamos fazer uma breve resenha destes seres, para poder entender onde se encaixam os Daemons da Goetia.

A primeira coisa que temos que definir aqui é a estrutura destes “seres espirituais”. Assim, segundo os textos antigos, tais como a Torah,



ou o Enuma Elish, o épico babilónico, podemos dividir a plêiade de seres espirituais em três grandes grupos. Usaremos os termos hebraicos aqui, para simplificar, mas temos que lembrar que esta classificação vale para quase todos os panteões espirituais do planeta.

- O primeiro grupo são os Deuses, que na Torah são definidos pelo termo Elohim. Por exemplo, Kamosh, Elohim de Moab, Milcom, Elohim dos Amonitas. A palavra Elohim também definia ao deus dos israelitas: Yahweh, Elohim de Israel. Não se conhece o significado exato do termo Elohim, mas parece ser algo como “Poderosos”. Assim, com a palavra Elohim, no Antigo Testamento é indicada uma categoria de Deuses nobres. Se lermos com atenção, e deixando de lado os conceitos monoteístas, percebemos que os Elohim parecem ter uma Assembleia, presidida por uma entidade suprema: Elyon (que em hebraico significa “o mais alto, o que está por cima de todos”). Nos textos sumérios e babilónicos, este comando supremo corresponde a Anu, senhor dos Annunaki, junto com seus dois filhos, Enlil e Enki. O paralelismo é bastante evidente, e não existe só com os sumérios. Essa assembleia ou terna de poder existe também entre os deuses gregos (Zeus, Poseidon e Hades), no panteão egípcio (Rá, Osíris e Seth), e em muitos outros relatos de deuses antigos.

Aqui temos que destacar que algumas pessoas pensam que Elyon pode ser o nome em hebraico para Anu (ou seja, Elyon e Anu seriam o mesmo ser), enquanto outras acham que o termo Elyon representa o grande Triunvirato, ou seja, Anu, Enlil e Enki. Isto será importante mais para frente, quando falarmos dos Senhores dos Shedim.

- O segundo grupo é formado pelos Guerreiros e Mensageiros, e na Torah são definidos pelo termo Malachim (o singular é Malach). Nós os conhecemos como “Anjos”, termo derivado do grego “ângelos”. Eles cumprem diferentes funções, como a de combate, como quando um Malach destrói o exército da Assíria, ou de punição, como o Malach que extermina os primogênitos do Egito, ou os Malachim que levam a cabo o massacre de Jerusalém, descrito no Livro de Ezequiel. Mas além desta função de combate, os Malachim também podem ser mensageiros, curadores, como no caso de Rafael, ou salvadores, como o anjo que detém a



mão de Abraão quando ia sacrificar seu filho. Em combate, eles costumam enfrentar outros Malachim, como quando o Príncipe Miguel (Protetor de Israel) enfrenta o Príncipe da Pérsia, ou seja, o Malach que defendia os persas. Os Malachim são extremamente versáteis, e já falamos de alguns deles tanto nos nossos cursos quanto no livro “Magia Angelical Antiga”.

O terceiro grupo descrito na Torah são os Shedim. Estes seres parecem ocupar o lugar que em outras culturas seria equivalente a “semideuses”. São claramente superiores ao ser humano, mas obedecem aos Elohim e aos Malachim.

Quando se implantou o monoteísmo, todos estes seres foram banidos, e toda esta riqueza de informação se perdeu. Os Elohim diferentes de Yahweh foram considerados “ídolos de pedra” ou “falsos deuses”. Os Malachim quase desapareceram dos livros, ficando reduzidos a uns poucos anjos com identidade, como Miguel, Rafael e Gabriel, e um grande exército de seres anônimos, sem rosto, que só obedecem a Deus. Embora tivéssemos os nomes de muitos deles, ninguém mais voltou a chamá-los, até pouco tempo atrás. E no caso dos Shedim... bom, eles levaram a pior parte, porque são os que, nas traduções modernas, foram denominados “demônios”. No próximo capítulo vamos falar extensamente sobre este grupo.





Shedim, os “Demônios” antigos

Ao ler o Antigo Testamento achamos várias vezes a palavra “demônio”, mas aplicada a diferentes situações. Estamos frente a casos em que os tradutores usaram a mesma palavra (demônio) para se referir a diferentes entidades. Então vamos ver que seres estão ocultos por trás da palavra “demônio” nos antigos textos bíblicos.

Distinguiremos dois tipos de seres que costumam aparecer nos textos antigos, e que são englobados na palavra “demônio”:

Em primeiro lugar podemos citar os Dibbuk (דיבוק): espíritos malignos que podiam possuir uma pessoa. Acredita-se ser a alma errante de uma pessoa morta. Ele supostamente deixava o corpo do hospedeiro assim que atingia seu objetivo, o qual era geralmente provocar destruição ou grande sofrimento. Às vezes ele podia ser exorcizado.

Em segundo lugar, e com um poder muito maior, temos os Shedim (שדים). Embora muitos possam associá-los à figura moderna do demônio, os antigos judeus tinham uma concepção diferente sobre essas entidades. Os Shedim governavam em lugares abertos, como os desertos, ou nos bosques. Segundo uma lenda, os shedim são “descendentes de serpentes”, ou de seres em forma de serpente, uma clara alusão à história da serpente no Éden, conforme relatada em Gênesis, onde um “ser de aspecto de serpente” seduziu Eva, ensinando-lhe a diferença entre a bem e o mal, em clara oposição aos planos dos Elohim para os seres humanos.

Os Shedim eram, originalmente, considerados seres diferentes dos deuses estrangeiros, que sempre eram designados pela palavra "Elohim" na frente do nome. Os Shedim eram considerados uma espécie de divindades menores, semideuses, que ocupavam territórios vazios, fora do controle dos Elohim, e cujo culto não era visto com bons olhos pelo sacerdócio de Yahweh.



Mas por que os Shedim não eram bem-vistos?

Diferente de outros Elohim, Yahweh sempre exigiu exclusividade no culto. Isso levou primeiro à monolatria (existem muitos deuses, mas cultuamos só um deles) e depois ao monoteísmo (só existe um deus). Sendo assim, na cultura judaica, a adoração a qualquer outra divindade que não fosse Yahweh era proibida e, portanto, os Shedim não eram bem-vistos pelos sacerdotes da religião oficial. Porém, as pessoas costumavam recorrer a eles para resolver questões menores, de natureza prática e mundana, e seu culto era difundido entre o povo, especialmente entre aqueles que tinham que realizar longas viagens, já que eles costumavam governar nos espaços por onde transitavam as caravanas ou os viajantes solitários. Alguns Shedim estavam alinhados com Yahweh, enquanto outros agiam por conta própria. Todos eles possuíam habilidades metamórficas, ou seja, podiam mudar de forma à vontade, assumindo tanto um aspecto grotesco quanto um aspecto humano.

As antigas escrituras identificam três tipos diferentes de Shedim:

- O primeiro tipo, semelhante aos faunos, geralmente era considerado benevolente.
- O segundo tipo, semelhante a bois e touros, era mais violento e as estátuas dessas criaturas eram frequentemente colocadas nas portas dos palácios como símbolos de defesa.
- O terceiro tipo incluía os Anjos caídos, que, segundo as escrituras, tinham se rebelado contra Deus, sendo expulsos dos firmamentos.

Posteriormente, ao grupo dos Shedim foram “adicionados” alguns deuses e deusas poderosos, como Baal e Astarte. Essa mudança pode ser atribuída ao contato com outras culturas e à incorporação de elementos de outras religiões. Desde que as divindades estrangeiras, por ordem de Yahweh, não poderiam ser cultuadas como “deuses” (ou seja, com o mesmo status dele), elas foram parar junto com os Shedim, cujo contato era, até certo ponto, tolerado.